

MANGUEIRA

CARNAVAL - 1975

IMAGENS POÉTICAS DE JORGE DE LIMA



Recei

Samba - Enredo Para o Carnaval de 1975

IMAGENS POÉTICAS DE JORGE DE LIMA

Autoria: TOLITO — MOSAR — DELSON **Cantor:** JAMELÃO

I

Na epopéia triunfal
Que a literatura conquistou
Em síntese de um sonho
Que um poeta tão risonho
Assim se consagrou ôôô

II

ÔÔÔ essa é a negra Fulô
Uma obra fascinante
Que um poeta tão brilhante
O povo admirou

III

Jorge de Lima em Alagoas nasceu
Cuviu tudo dos antigos o que aconteceu
Com os escravos na senzala
E no quilombo dos Palmares
Foi um sábio que seguiu as tradições
Com seus versos, poemas e canções
Boneca de pano e jóia rara
Calabar e o acendedor de lampiões

Zumbi, Floriano e Padre Cícero Bis
Lampião
E o Pampa é o amor ôôô

★ **QUADRINHOS** ★

(Revista da Ebal)

Propriedade da

★ Editora Brasil-América Limitada ★

Diretor Geral

★ Adolfo Aizen ★

Diretor-Gerente

★ Paulo Adolfo Aizen ★

Diretor-Secretário

★ Naumim Aizen ★

Diretor Industrial

★ Fernando Albagli ★

★ **EDIÇÃO ESPECIAL DE GALA** ★

Fevereiro de 1975

Neste Número:
Imagens Poéticas de Jorge de Lima

enredo do G. R. E. P. Escola
de Samba de Mangueira para
o Carnaval de 1975

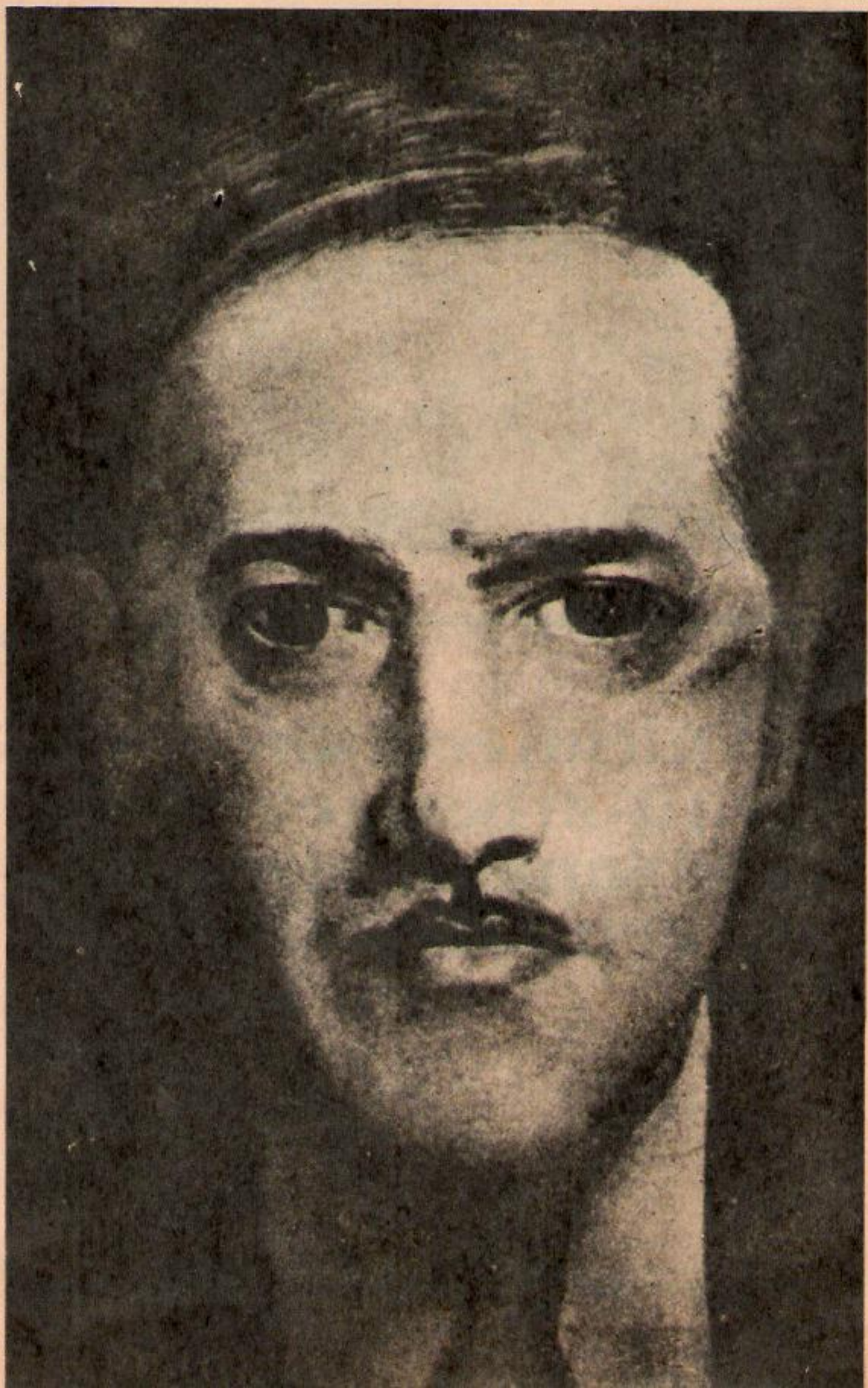
★ Escritório, Redação e Oficinas ★
★ Rua Gen. Almério de Moura, 302-320 ★
★ ZC-08 — Telefone 264-6212 ★
★ Rio de Janeiro, Gb. ★

★ Distribuidores na Guanabara ★
★ Dist. de Jornais e Revistas Tupi ★
★ Rua da Constituição, 5 ★

★ Distribuidores em S. Paulo, Capital ★
★ Agência Modesto ★
★ Viaduto Santa Ifigênia, 277 ★

★ Distribuidores para o Interior ★
★ Editora Brasil-América (Ebal) S.A. ★

JORGE DE LIMA
AUTORIA DE PORTINARI



G. R. E. S. Estação Primeira de Mangueira apresenta

**ENREDO FORMADO
DE 13 POESIAS
DE JORGE DE LIMA**

MONTAGEM E TEXTO: Alcyone Barretto
ROTEIRO: Comissão de Carnaval
ALEGORIAS: José Rodrigues
FIGURINOS: Elói Machado

Os Mangueirenses agradecem aos intelectuais que, para esta publicação, comentaram poesias de Jorge de Lima: Carlos Afonso Vilela, Herminio Bello de Carvalho, Dirceu Quintanilha, Antônio Calado, Carlos de Araújo Lima, Fernando Zerlotini, Carlos Heitor Cony, Sérgio Cabral, Luís Orlando Carneiro, Maria Júlia Goldevasser, Manoel Diêgues Júnior, Sandro Moreyra, Mauricio Azedo.

Diagramação: Laerte Moraes Gomes
Capa: Foto cedida pela Revista MANCHETE

**A Vulcan está torcendo
para que neste carnaval
dê samba e alegria
acima de tudo.**

Homenagem de



VULCAN

Qualidade acima de tudo.

IMAGENS POÉTICAS DE JORGE DE LIMA

ALCYONE BARRETTO

A Mangueira que, em carnavais passados, homenageou Vila Lobos, Gilberto Freire, Monteiro Lobato e outros, pretendendo exaltar nossa poesia desfila, em 1975, com o enredo "Imagens poéticas de Jorge de Lima.

O enredo não pretende apresentar a vida e a obra de Jorge de Lima, quer homenageá-lo apresentando imagens poéticas que pertencem à história e as lendas, que são lugares, coisas e gente do nosso Brasil. Assim, o desenvolvimento do enredo não está preso ao tempo ou ao espaço, não obedece à cronologia da criação artística do poeta de **ESSA NEGRA FULÔ**, apresenta imagens que atingiram sua sensibilidade artística.

Jorge Matheus de Lima morreu no dia 15 de novembro de 1953, quando residia na Avenida Atlântica, no Posto 6, em Copacabana, na mui leal e heróica cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro. Ele nasceu no dia 23 de abril de 1895, em União dos Palmares, a poucas léguas da Serra da Barriga, onde antes, conforme conta a história, foi implantada a primeira República Negra das Américas — Quilombo dos Palmares, nas Alagoas.

Pertinho da Serra da Barriga passou Jorge sua infância, na casa-grande do Enge-

nho Maravalha, onde seu pai e seu avô, por serem abolicionistas, jamais usaram o trabalho do negro escravo. Foi na casa-grande que chegou ao conhecimento do menino Jorge os feitos guerreiros, a resistência heróica dos escravos fugidos das senzalas, contados através das gerações pelas mães pretas aos filhos das sinhás.

Jorge de Lima, o príncipe dos poetas alagoanos, que nasceu no dia do Santo Guerreiro, que brincou perto de onde aconteceu Zumbi dos Palmares, ouviu de antigos escravos o lamento de saudade da África, escutou os sons dos rituais e aprendeu as tradições da raça negra. Viveu toda uma época de transformação social e política, assistiu a decadência da nobreza rural e o surgimento do capitão de indústria, viu a usina absorver o bangüê, foi testemunha da luta pela terra e, em lindos versos, com brasilidade, contou de sua terra e de sua gente.

Jorge de Lima, em seus momentos poéticos, criou em forma de sonetos, poemas, versos soltos, romance e novela, dizendo da terra, da gente e das coisas deste País e a Mangueira coloriu de verde e rosa treze de suas poesias para apresentá-las ao povo, pois ao povo pertencem as imagens poéticas de Jorge de Lima.

ROTEIRO

COMISSÃO DE FRENTE — Musas do Poeta

ABRE ALAS — Phoebos — Carro alegórico simbolizando o deus Phoebos viajando no espaço celeste, numa biga puxada por dois cavalos.

O ACENDEDOR DE LAMPIÕES

CARLOS AFONSO VILLELA DOS ANJOS

"O Acendedor de Lampiões" faz parte de **XIV Alexandrinos**, obra da juventude, ou melhor, da adolescência do poeta Jorge de Lima, e reflete em sua estrutura, toda a poética do século XIX, ou seja, a poética parnasiana, que ainda imperava no Brasil, à época de sua publicação em 1914.

Trata-se, entretanto, não mais de uma forma parnasiana ortodoxa, mas do que se convencionou chamar "neo-parnasianismo" por encontrarmos-nos então numa fase de transição em que já se esboçava a mudança mais tarde operada pelo Modernismo.

Nesse período coexistiam parnasianismo e simbolismo; foi, portanto, o período **sincrético** da nossa literatura.

Mas Jorge de Lima muito cedo marca sua adesão ao Modernismo com a publicação de **Poemas** em 1927.

Neste "O Acendedor de Lampiões", estamos ainda um pouco distantes do poeta de "O Mundo do Menino Impossível". Trata-se de um soneto que, embora fugindo aos padrões clássicos, até mesmo pelo assunto (O Homem da rua do cotidiano) contém a marcante influência dos "grandes" do passado notadamente Raimundo Corrêa.

A partir do 1.º terceto, somos levados de imediato ao poeta de "O Mal Secreto" — é o mesmo jogo de oposições, indicando a contradição de uma situação existencial: "Tanta gente que ri, talvez exista..." — E é exatamente com o mesmo início desse verso do autor de "As Pombas" que se inicia o último terceto de "O Acendedor de Lam-

piões": "Tanta gente também nos outros insinua/crenças religiosas, amor, felicidade,/Como este Acendedor de Lampiões de Rua/". Aí temos o célebre "fecho de ouro" dos sonetos parnasianos, invariavelmente contendo uma moral, uma sentença, uma conclusão filosófica.

Pouco depois dessa publicação, Jorge de Lima recebe, em Maceió, o título de "Príncipe dos Poetas Alagoanos", título que bem mostra o caráter provinciano de nossas letras na época, quando a "característica" (muitas vezes única) da poesia eram a métrica e a rima. O conceito de poesia ainda estava muito preso à idéia de perfeição e beleza formal ditadas por Olavo Bilac.

Entretanto, em que pesem todos os possíveis "senões", não podemos repudiar este soneto, muito pelo contrário, cabe homenageá-lo, como faz a Manguieira agora a primeira imagem poética a ser apresentada, pois ele marca o passo mais importante (porque o primeiro) de uma carreira sempre em ascensão.

Este soneto, se quisermos parodiar o seu título, é o despontar de uma claridade e como tal, ainda baça e vacilante, luz de lampião, que fala de uma época também vacilante e mutante.

Mas sem essa luz de lampião, luz de início, de alerta para a crítica e para os leitores do seu tempo, não teríamos, talvez, o farol de luz intensa e decisiva que é **Invenção de Orfeu**, ponto culminante da obra de Jorge de Lima.

ROTEIRO

ESTANDARTE
ACENDEDOR DE LAMPIÕES — Ala do Hippyés (Masc.)

BONECA DE PANO

HERMÍNIO BELLO DE CARVALHO

A boneca de pano, a bruxinha feita às vezes desajeitadamente com retalhos que sobraram à beira da máquina de costura, não é propriedade desta ou daquela cultura, deste ou daquele povo. Aqui e ali, incorporada ao folclore e à música, aparece a figurinha tímida, feita sob medida para embalar o sono da menina que carece embalar aquele projeto de vida (que vida?). A boneca de pano de Jorge de Lima, que aparece este ano numa das alas da Mangueira, será diferente daquela outra boneca do baiano Assis Valente? "Boneca de Pano/brincando no cabaret/poderia ser bonequinha de louça/tão moça/mas não é." Aquela de Assis guarda o simbolismo da boneca do poeta Jorge de Lima: na alma "o vestido de chita, cabelo de fita, cheinha de lã". Talvez também com os olhos de conta (alguns fazem os olhos com lantejoulas, outros com botões minúsculos e há — os preciosistas — quem prefira usar pérolas de imitação. São muitos, enfim, os artifícios para jogar brilho nos olhos dessas bruxinhas, em geral de olhar pouco aceso). A que vem agora com a Mangueira guardará o mesmo destino do poema? "que não se quebra, que custa um tostão, boneca de pano das meninas infelizes que são guias de aleijados, que apanham pontas de cigarro, que mendigam nas esquinas"? Talvez essa menina vá um dia tomar-se de sonhos como no samba de Assis, se um dia alguém a chamar de boneca e ela, sendo mulher, acreditar. Acreditar nesse mundo meio mau, que anda cada vez descosturando a vida, desalinhando alentos, proporcionando cada vez menos retalhos para o sonho das crianças. Desconcertante mundo onde as bonecas das vitrines têm vida movida a molas e equipamentos estranhos, que falam

à semelhança de outras crianças (mas cujo choro não precisa ser movido a corda; é de uma aflição verdadeira). Em Mangueira a gente aprende coisas. Lá a poesia anda descalça ensinando um modo novo da gente viver, sonhar, sofrer. No Faria, Vista Chinesa, Largo da Glória, Chalé, Pindura a Saía, Buraco da Poló — a gente vai encontrar essas bonecas de pano, umas carregando as outras. Há um brilho nos olhos, uma inquietação esquisita provando que a vida não é só isso que se vê. Em Mangueira as bonecas são elaboradas da matéria verde e rosa que sobra do grande sonho que termina na quarta-feira. As lantejoulas que brilham nos olhos são aquelas que bordam a grande fantasia da vida; e quase cantam, tal seu mistério. Só quem entende da Estação Primeira é que há de compreender que frutos dá essa Mangueira frondosa: poetas iguais a Cartola, Carlos Cachaca, Nelson Cavaquinho, Geraldo Pereira — que habitam o mesmo arquipélago de sonhos de Jorge de Lima, hábil artesão de bonecas de pano-água, de pano-nuvem ("Os olhos de conta caíram. Ceguinha rolou na sarjeta. O homem de lixo a levou coberta de lama, nuinha como quis Nosso Senhor"). Que nome terá essa boneca? A vida — caprichosa e arteira como é — vive retalhando olhos, costurando lágrimas, botando entretelas nas ilusões. São de bonecas as mãos que dão forma a essa montoeira de panos, soprando vida no algodão que vai forrando as formas cheias de luz. Mágicas mãos, que vão chuleando sabe lá que poeira de sonhos nessas bonecas que logo terão como acalanto um samba qualquer vindo de qualquer parte da Mangueira. Onde a poesia, como se sabe, feito um mar se alastrou.

ROTEIRO

ESTANDARTE
BONECA DE PANO — Ala dos Hippyas (Fem.)

O GRANDE CIRCO MÍSTICO

DIRCEU QUINTANILHA

A Mangueira aproveita, neste ano, a poesia de Jorge de Lima. "O GRANDE CIRCO MISTICO", pelo colorido, tipos humanos, enredo, figurinos, passado e presente, marcará definitivamente os treze poemas escolhidos.

O GRANDE CIRCO MISTICO

"Meus senhores, hoje há espetáculo no mundo". A **virgem** está nua mas tatuada por Deus: através dos tempos o poeta diz que a nudez é pura. Daí a beleza e atração.

"Vinde ver, Senhores!"

Frederico Knieps, o médico de câmara da Imperatriz Tereza, resolve que seu filho também seja médico mas o rapaz conhece a equilibrista Agnes, fundando o Circo Knieps. Charlotte, filha de Frederico, se casa com o **Clown**, nascendo dessa união Marie e Oto. Este se casou com Lily Braun: a filha desta com Oto tenta entrar para um convento mas o pai impede. Margareth, seu

nome, continua no circo, mas tatuou o corpo sofrendo muito "por amor de Deus": grava na pele a Via Sacra do Senhor dos Passos. Com isso nenhum tigre a ofendeu jamais nem o leão Nero que já havia comido dois ventríloquos. Seu esposo, o trapezista Ludwing, nunca mais a pode amar pois as gravuras sagradas afastavam o desejo dele. Mas o **boxeur** Rudolf possui Margareth à força. E morre. Nascem duas filhas que são o grande prodígio do Grande Circo.

Puras, afastam a sedução dos banqueiros. Nas suas mágicas, símbolos, levitações, dizem que há o diabo. Dançam no arame. São bisadas pelos homens cínicos. Elas atiram acrobacia para a visão de Deus.

"Com a verdadeira história do Circo Knieps muito pouco se tem ocupado a Imprensa".

Hoje tem espetáculo na Mangueira!
Vinde Ver!

ROTEIRO

ESTANDARTE

PASSISTAS

CLOWN

ONÇAS E TIGRES

DOMADORAS

MÁGICO

ILUSIONISTA

EQUILIBRISTA

MALABARISTAS

TRAPEZISTAS

ARAMISTAS

PALHAÇOS

- Ala da Balança (Masc.)
- Grupo
- Ala da Balança (Fem.)
- Oscar Silva (Fig. de Enredo)
- Maria Helena (Fig. de Enredo)
- Wanda (Fig. de Enredo)
- Alac Impossíveis, Gatinhas, Deixa Falar (Fem.)
- Helvia e Jocemar (Fig. de Enredo)
- Grupo Acadêmico
- Grupo "O Problema É Seu"

O PAMPA É O AMOR

Jorge e Seu Negro Rio

ANTONIO CALLADO

Jorge de Lima me faz pensar num rio do Brasil que muito me fascina, o Negro, de águas escuríssimas mas perfeitamente translúcidas. Quando entra no Amazonas barrento e opaco o rio Negro é aquele mistério de pretume e transparência. A explicação que me dão é que o negro do rio vem do ácido de florestas que há milênios se dissolvem em suas águas.

Há muita floresta brasileira dissolvida na poesia de Jorge de Lima.

Eu vou insistir. Ainda tem mais. Quem já tomou banho no rio Negro (os dois banhos que mais prezo foram os que tomei respectivamente no rio Negro e no golfo de Tonquim, Vietnã do Norte) conhece a progressão: areia branca da praia, a água dourada bem na beira d'água, cor de âmbar, à medida que se entra, cor de mel, de conhaque, tamarindo, até que no fundo, perdida a areia de vista só subsiste o pretume, o rio das trevas, límpido mas impenetrável à vista.

Em Jorge de Lima é assim que a gente progride, de água dourada dos primeiros poemas (os parnasianos, não) às negras águas transparentes da **Invenção**.

Em "O Pampa É o Amor", da época do **Livro de Sonetos**, subitamente encontramos um Jorge que fala nos Pampas e nos trigais do sul. Mas reparem que a paisagem foi totalmente incorporada a uma visão que lhe altera, como se vê desde os primeiros versos, a substância e a forma.

Há areia no pampa como olvido e montanhas de estranha arquitetura.

Seja como for, e como a gente gosta de se situar no tempo e no espaço, pensei em localizar a inspiração do soneto gauchesco. Como se estivesse submetendo o poeta a uma "sorte virgiliana", abri seu livro ao acaso, e esbarrei na seguinte repreensão, que me fazia Orfeu:

"Chamo as coisas com os versos que eu quiser os mistérios, os medos, os três reinos e esse reino que eu vim reiniciar.

O reino poético de Jorge de tão extenso parece ilimitado, e de tão misterioso parece indecifrável mas governa-se com alto saber, sobretudo pelo respeito à lei que manda o poeta fazer o poema como a mulher faz um filho: vivendo com ele no ventre, carregando o peso dele, falando com ele sem dizer nada e naturalmente sonhando com ele. Quando o poema já vive e respira, aos poucos se apega até no poeta a lembrança desse tempo secreto.

Por isso é que é difícil, além de inútil, fazer levantamentos concepcionais detalhados de um soneto: é como querer reconstituir, na água de um rio que digere florestas, a forma e idade de um certo pé de manga. Chamo as coisas com os versos que eu quiser. O poeta falou.

ROTEIRO

ESTANDARTE

PASSISTAS

LAÇADORES E LAÇADORAS

FESTA DA UVA

BAMBAQUERÉ

GAÚCHO

GAÚCHOS E GAÚCHAS

- Alas Barões e Turistas (Mistas)
- Therezinha (Destaque)
- Alas Caprichosas e Jambetes (Fem.)
- Henrique (Destaque)
- Alas Intocáveis e Invencíveis (Mistas)

CALABAR

CARLOS DE ARAÚJO LIMA

Vejo Jorge de Lima, no seu consultório, num andar da Cinelândia. Sempre ele mesmo, o sorriso de criança alvoroçada com o mundo.

Esses versos de Jorge de Lima sobre Calabar são, em essência, toda uma filosofia da alma brasileira, ou melhor, luso-brasileira.

Tenho mesmo a impressão de que o autor de **Essa Negra Fulô** morreu sem saber que Calabar pulou inteirinho nos versos que escreveu, efeito de uma provocação sonora — a da batucada de um rancho cantando música de carnaval na Cinelândia.

Jorge de Lima alcançou em cheio a verdade nessa poesia.

Todos nós, quando adolescentes, simpaticizamos com Calabar.

Todos nós, naquela idade, optamos pelo holandês, tão diferente, mais romântico, na impressão primeira, do português rude, autêntico, sempre na arrancada contra os impossíveis e na festa dos sentidos de que resultou a mulata e o samba.

O holandês sempre nos pareceu, de começo, mensagem de civilização e de categoria. Mais classe. De começo... Porque, na verdade, o luso nos deu esta formação maneirista e prática, que nos permite somar o sonho com a realidade, reagir contra a sistematização e construir nós mesmos, em golpes de improvisação e festa.

Se tu vencesses Calabar!
Se em vez de portugueses,
Holandeses!
ai de nós
ai de nós sem as coisas deliciosas
que em nós moram:
redes,
rezas,
novenas
procissões
e essa tristeza, Calabar,
e essa alegria danada, que se sente,
subindo, balançando, a alma da gente.
Calabar, tu não sentiste
essa alegria gostosa de ser triste!

Isso. Aí está o traço diferencial do brasileiro. Extraíndo a alegria da tristeza, ele neutraliza, derrete, desmoraliza, depois de sugá-la como fruto gostoso, a própria tristeza. Daí não termos revoluções de sangue. Daí as anedotas que evitam **pronunciamentos**. O brasileiro **manera** tudo, até, se não principalmente, a desgraça. **Macho não chora**. Pois sim. Acredito que **macho burro** não chore. Porque quando a emoção vem lá do fundo e cobre a gente de uma grandeza contraditória com a própria tristeza, o jeito mesmo é saborear no choro, compensar na lágrima, a alegria danada de estar triste. Solução de carnaval. Solução nossa.

ROTEIRO

ESTANDARTE

PASSISTAS

SOLDADOS HOLANDESES

RAINHA DA HOLANDA

HOLANDESAS

CALABAR

FIDALGOS

- Ala dos Funcionários (Masc.)
- Natalina (Destaque)
- Ala das Baianas Granfinas (Fem.)
- Rodolfo Darque (Destaque)
- Ala dos Duques (Masc.)

CASTRO ALVES — VIDINHA

FERNANDO ZERLOTTINI

Eis um poeta falando de outro poeta. Há mais de um século entre os dois, e uma distância maior ainda entre suas obras respectivas — uma incendiada de paixão, outra transparente como o pensamento claro. Mas o que fala procura chegar à própria terra de que o outro se nutre.

Assim deve fazer o poeta, como o artista: voltar um dia às raízes, por mais longos e cheios de voltas que tenham sido os seus caminhos. Pois a cultura acaba não tendo sentido se o seu refinamento importar num alheamento tão grande que a torne inatingível para a alma simples do povo.

Não terá sido mera coincidência que o poeta de **Invenção de Orfeu**, o homem culto, atraído, por todas as inquietações do espírito, poeta, médico, político e pintor, se tenha um dia voltado para o estilo aparentemente ingênuo dos ABCs nordestinos, nesse poema-biografia sobre o poeta da liberdade. Para mostrar Jorge de Lima à massa que o ignora, poucos poemas se prestariam melhor a essa iniciação do que o **Castro Alves — Vidinha**. Ele buscou as suas origens nordestinas, bom alagoano,

para falar uma linguagem quase cantada, ao mesmo tempo simples e profunda, como aquela dos cegos das feiras de seu tempo. E foi buscar na figura de Castro Alves a paixão romântica, o artista boêmio, para melhor ligá-lo ao ideal que o consumiu. Não esqueceu nenhum dos seus grandes amores — Idalina, Cândida e Laura, Dendem, Leonídia Fraga, Agnese Murri, as irmãs Amzalack e Eugênia Câmara — até mostrá-lo, afinal, dividido entre duas paixões, a do coração e a do espírito, ou seja o amor, como homem, e a liberdade, como cidadão:

**“Mas o amor que o dominava
ia além do amor humano,
amor pela liberdade,
forte amor, amor tirano.”**

Num certo sentido, e sem muito exagero, diria até que os trezentos e tantos versos do poema bem dariam um sambarenredo. E isso basta, ao menos por ora, para um exemplo de Jorge de Lima a essa multidão que agora começa a cantá-lo pela voz insubstituível da Estação Primeira de Mangueira.

ROTEIRO

ESTANDARTE PASSISTAS

ATRIZ — Wanda (Fig. de Enredo)

ATORES E ATRIZES — Alas dos Reis, Embalo e Embaixadores (Mistas)

EUGÊNIA CÂMARA — Ilka (Destaque)

CASTRO ALVES — José Ricardo (Destaque)

DAMAS — Ala da Corte (Fem.)

PERSONAGENS DA ÉPOCA — Alas Granfinos e Nós Somos Assim (Masc.)

ATORES — Alas Milionários de Paris e Nobres (Masc.)

BAHIA DE TODOS OS SANTOS

CARLOS HEITOR CONY

Alagoano de nascimento, Jorge de Lima foi na verdade um baiano espiritual. Foi da Bahia que herdou o seu lirismo regional, sua mágica percepção do mundo, e, sobretudo, seu apetite barroco e sensual. A sua poesia religiosa corre paralela ao feitiço que descobriu e soube cantar nas sombras da velha Bahia de Todos os Santos. **É o amante que chega! E as virgens loucas já o esperam!** Nesta alusão à parábola cristã, Jorge de Lima reúne os dois temas principais da sua obra: o pecado e a graça, a carne e a alma. Pode-se dizer que ele aprende a ser cristão nos livros. Mas foi na Bahia que aprendeu a ser homem, poeta e místico. O rapazinho que

vinha de Alagoas esperou pela hora em que o velho Ita descansaria seu casco fatigado nas águas generosas do cais de Salvador. **E sob a mesma noite que nos cobre, eu sinto o contato de teus membros morenos.** O poeta adolescente sentiu em sua carne a profanação daquela noite cheia de ladeiras e curvas gostosas. Daquele momento em diante, o Brasil tinha ganho um poeta maior, cujo nexo espiritual e carnal com a Bahia explodiria, mais tarde, no barroco magistral da **Invenção de Orfeu**, onde o alagoano-baiano sentiu-se redimido em retomar a lenda dos gregos. Ele sabia que a Bahia era clássica, e que os gregos seriam baianos, se pudessem.

ROTEIRO

ESTANDARTE PASSISTAS

BAIANAS

BAIANA

BAIANAS

FESTA DO BONFIM

CAPOEIRA

- Ala das Baianas Destacadas (Fem.)
- Edith (Destaque)
- Baianas Tradicionais
- Reginaldo (Destaque)
- Mestre Leopoldino e seu Grupo (Masc.)

OBAMBÁ É BATIZADO

MARIA JÚLIA GOLDEVASSER

As baianas festeiras introduziram no carnaval carioca as tradições do Candomblé.

No início do século, quando ainda não existia o Samba e muito menos as Escolas de Samba, numerosos grupos de baianos já se haviam fixado nas imediações da Praça Onze e no Centro da cidade. Muitos deles se tornaram afamados pelas contribuições que trouxeram ao carnaval carioca e à música brasileira. Ao fundarem suas agremiações e promoverem suas reuniões, estavam simultaneamente lançando, embora sem pretendê-lo intencionalmente, as bases para instituições maiores que vieram depois.

Foi nas casas das "tias" baianas ou baianas festeiras que se deu inicialmente a união entre o Samba e o Candomblé. As "baianas festeiras" foram mulheres que se notabilizaram nas primeiras décadas do século pelas fabulosas reuniões que incentivaram em suas casas e nas quais se executava em parte Samba, em parte Candomblé. Tia Aciata, Bebianá, Amélia e Sadata foram das mais célebres entre elas. Não há sambista histórico que não tenha participado desses encontros, e os relatos registrados atestam bem que constituíram ativos centros de criação sambística e de aproximação entre sambistas.

Não foi somente nas casas das baianas festeiras contudo que se fez a combinação entre o Samba e o Candomblé. Esses foram locais que alcançaram maior notoriedade devido à sua grande movimentação, mas, na realidade, onde quer que se achasse um Can-

domblé poder-se-ia esperar encontrar também um Samba. A razão disto é que, sendo o Samba proibido, aproveitavam-se as licenças concedidas pela Polícia à realização de sessões de Candomblé para, juntamente com estas, armar em segurança uma roda de Samba.

Assim, quando Mangueira inclui "Obambá É Batizado" na apresentação de seu enredo, ela está retomando ainda uma vez uma das mais cristalinas tradições das Escolas de Samba. O que esta poesia de Jorge de Lima descreve é a "feitança do santo" de Obambá, isto é: Obambá vai ser consagrado Babalaô, que é o chefe de um terreiro, e para isso seus Orixás devem ser confirmados. Invoca-se Oxossi, que é seu guia de cabeça, e por isso se diz: "Oxossi está reinando: dá pra ele", querendo significar que Obambá deve se entregar a Oxossi, que é o Orixá das matas.

Mas há um outro nível em que se restabelece, indiretamente, a relação entre Escola de Samba e Candomblé e este é melhor comunicado pelo próprio Compositor Mangueirense quando diz aquelas suas notáveis expressões: "luz divinal", "mundo encantado", "apoteose de fascinação", "melodia divina", "trajetória deslumbrante". É que ele capta bem a dimensão extraordinária da Escola quando ela passa divina e ritualizada. Mangueira feita divindade tão sagrada como um rito de fé. E é para esta divindade alegre, que já traz o verde de Oxossi, que podemos repetir como no verso de Jorge de Lima. "Mangueira está reinando: dá pra ela".

ROTEIRO

ESTANDARTE

Toninho de Oxossi e seu Grupo Folclórico

ESSA NEGRA FULÔ

LUIS ORLANDO CARNEIRO

Essa negra fulô. Negra flor. Entrou na poesia de Jorge de Lima como outras negras, provavelmente lindas molecas iorubas, netas de gente boa lá da Nigéria. Jorge conheceu as netas, Celidônia, as outras, já amulatadas, como Zefa, a lavadeira, e todas as que batiam e quaravam a roupa dos donos do bangüê nas águas do velho Mundaú.

Essa negra fulô. Negra flor. Poema que sem ser tratado trata de sociologia. Coisas que ouviu, que soube, e que ainda viu. A moleca escrava que o senhor desejava, a moleca que tangia a rede da sinhá, mas que um dia "faltou ao respeito". O senhor foi dar-lhe o castigo. A negra fulô ficou nuinha, e a sinhá perdeu o sinhô pelas coisas da Negra Fulô.

Coisas da África, o corpo enxuto, pele

de tambor, cafunés, essas coisas que o sinhô não tinha da sinhá.

E foi por tudo isso que o Brasil ficou mulato. Por causa da Negra Fulô. Por causa de Celidônia. E de Zefa.

E foi por tudo isso que Jorge de Lima desceu o Mundaú, veio pra cidade grande, sabendo que de negro e santo todo muito tem um pouco.

Fulô, Celidônia, Zefa depois se transformam, quando Jorge de Lima redescobre, com Murilo Mendes, a poesia em Cristo. Passam a ser musas da poesia transcendental que está em **Túnica Inconsútil, Invenção de Orfeu, no Livro dos Sonetos.**

Essa Negra Fulô. Negra Flor. Que Deus a tenha.

ROTEIRO

ESTANDARTE

NEGRA FULÔ ESCRAVA — Vaninha (Fig. de Enredo)

FEITOR — Jorge Barbosa (Destaque)

ESCRAVOS E ESCRAVAS — Ala Comigo Ninguém Pode (Mista)

ES CRAVA DE ENGENHO — Nininha (Fig. de Enredo)

ALEGORIA — Engenho

PRINCESINHA — Maria Ramos (Destaque)

SINHÁ — Lídia (Destaque)

MUCAMA DE CASA-GRANDE — Ana Paula (Fig. de Enredo)

ESCRAVOS E ESCRAVAS — Alas dos Braços, Brazinhas, Príncipes e Deixa Isso Prá Lá (Mistas)

NEGRA FULÔ — Zinha (Destaque)

SINHÔ — Luís Carlos (Destaque)

ZUMBI

SÉRGIO CABRAL

Apesar de ter sido eleito Vereador pelo antigo Distrito Federal tanto as coisas de política como os problemas sociais sempre foram encarados por Jorge de Lima de uma maneira muito mais intuitiva do que fruto de uma formação racionalizada por leituras ou pela própria atividade política.

Daí, ter cometido versos do tipo que apresentou em seu soneto "Zumbi" (de 14 de agosto de 1921):

**"um homem negro, muito negro, quis
mostrar ao mundo que tinha a alma
[clara]"**.

No soneto, Jorge de Lima confirma a sua posição de Humanista e de interessado (aliás, com grande insistência) nos problemas relacionados com os negros brasileiros. E toma posição a favor deles, inclusive num dos episódios mais gloriosos de sua Histó-

ria, o da revolta de Quilombo dos Palmares. Mas se denuncia como um ingênuo consumidor dos velhos ensinamentos cristãos, como o de que os santos têm alma branca — e não negra.

Se quisermos uma síntese de Jorge de Lima como um homem que sempre se identificou com o povo brasileiro mais como um idealista do que como um racionalista, "Zumbi" talvez seja uma delas. Mas isso não é, absolutamente, uma restrição. É apenas uma pequena observação sobre um Poeta de obra maravilhosa, sempre voltado para o seu País e para o seu povo. E disso ele tinha consciência, como revelou numa entrevista a Homero Sena:

— "O poeta sempre foi o anunciador das grandes reformas universais."

ROTEIRO

ESTANDARTE

2º MESTRE-SALA E PORTA-BANDEIRA — Lilico e Mocinha

GUERREIROS — Ala Sambrasa (Masc.)

ZUMBI — Wilson (Destaque)

GUERREIRAS — Ala Ninguém é de Ninguém (Fem.)

FLORIANO — PADRE CÍCERO — LAMPIÃO

MANOEL DIÉGUES JÚNIOR

De Jorge de Lima não é apenas sua admirável figura humana que permanece em nossa lembrança; não é apenas o ser humano que se traduzia naquela doçura, naquela maneira de ser, naquele constante traço de bondade em seu rosto. De Jorge Lima a presença que permanece também é a do poeta: o sempre lembrado poeta, cuja versatilidade bem traduzia a riqueza de seu espírito criador. É o poeta das figuras humanas de seu tempo, como é o caso do poema sobre Lampião e Padre Cícero, e onde entra também Floriano — “O País olha esses três”; aquelas duas figuras extremamente opostas — a do cangaceiro e a do sacerdote — encheram grande parte dos primeiros quarenta anos deste século. São figuras constantes da paisagem social do Nordeste, cada uma a seu jeito representativa de um ambiente perturbado por diferentes fatores: “a fama de Lampião fazendo medo” e “o Juazeiro engordando malucos”. Nesta paisagem o misticismo e o banditismo constituíram presença que já vem desaparecendo. Desapareceu quase completamente pelo menos o banditismo do tipo de Lampião; ainda persiste, um pouco apenas, o misticismo, tra-

duzido hoje exclusivamente na figura do Frei Damião. Jorge de Lima fixou nitidamente as duas figuras principais — a de um místico e a de um cangaceiro — que representam, nestes dois campos, os mais expressivos no Nordeste. Cada um a seu modo, cada um pelo que representaram suas atividades, foi Mangueira buscar para fixar, através da poesia de Jorge de Lima, em seu samba enredo de 1975. A Escola de Samba da Estação Primeira de Mangueira encontrou em Jorge de Lima, grande poeta da primeira metade de nosso século, grande poeta da língua portuguesa em todos os séculos, a inspiração animadora que projeta sua dança, seu canto, suas cabrochas, sua bateria, seu enredo, no carnaval de 1975. Jorge de Lima cantou duas expressões do sentimento nordestino. O Nordeste místico e o Nordeste do cangaceiro, “a roupeta, o clavinote”. O Nordeste na sua maneira de crer e o Nordeste em seus movimentos de vingança e de crimes. De qualquer modo uma grande poesia: a que Jorge de Lima traduziu nas figuras de Padre Cícero e de Lampião, agora consagrada pela Escola de Samba da Mangueira.

ROTEIRO

ESTANDARTE

PASSISTAS

FLORIANO — Carlos de Abreu (Destaque)

DRAGÕES DA INDEPENDÊNCIA — Ala dos Fidalgos (Masc.)

Em respeito às leis religiosas, a Mangueira deixa de apresentar em seu desfile a figura do Padre Cícero.

ROMEIRO E ROMEIRAS — Ala dos Esforçados e Firmeza (Mistas)

LAMPIÃO — Francisco Barreto (Fig. de Enredo)

MARIA BONITA — Marilene (Fig. de Enredo)

CANGACEIROS E CANGACEIRAS — Grupo Sorriso no Caminho (Masc.), Alas Moderninhas e Metida a Bacana (Fem.)

RIO DE SÃO FRANCISCO

SANDRO MOREYRA

Já se foi o tempo em que as Escolas de Samba buscavam em fatos e figuras do Império a inspiração para seus enredos, vestindo suas alas de condes e marqueses, com sapatos de fivelas e cabeleiras prateadas e com rabicho, dourados e paletês em profusão.

Hoje os temas são outros e nesses últimos anos a Mangueira, que já homenageou Heitor Vila Lobos, Gilberto Freire, Monteiro Lobato, vem este ano com o enredo "Imagens Poéticas de Jorge de Lima."

A obra de Jorge de Lima não é muito divulgada. Dele quase todos conhecem "Essa Negra Fulô", que, no tempo das declamadoras, era peça indispensável nos seus repertórios. Mas sua obra, que pode ser dividida em três fases, nos revela um poeta realmente admirável.

"Rio de São Francisco" é da fase regionalística, a que se seguiu a poesia negra e mais tarde a fase cristã. Em todas elas, porém, há o mesmo sentido humano e democrático, que se sente ao conhecer seus poemas.

Poemas Negros é um exemplo. Não é

um canto de compaixão pelo negro escravo e sim a compreensão e mais ainda, a solidariedade nas suas lutas pela liberdade.

"quantas vezes as carapinhas hão de embranquecer para que os canaviais possam dar mais doçura à alma humana?" diz Jorge de Lima em "Olá Negro". E ainda:

"Apanhavas com vontade de cantar,
choravas com vontade de sorrir,
com vontade de fazer mandinga para
[o branco ficar bom,

para o chicote doer menos,
para o dia acabar e negro dormir!

Não basta iluminares hoje as noites dos
[brancos com teus jazzes,

com tuas danças, com tuas gargalhadas.
Olá Negro! O dia está nascendo!

O dia está nascendo ou será a tua
[gargalhada que vem vindo?"

Foi a obra desse poeta do povo, que a Estação Primeira de Mangueira, a mais autêntica e popular das Escolas de Samba, escolheu para seu enredo. E se sente honrada e muito feliz por isso.

ROTEIRO

ESTANDARTE

PASSISTAS

RIQUEZA DO GARIMPO — Cotinha (Destaque)

BOIADEIROS E BOIADEIRAS — Alas Chove não Molha (Masc.)

Meninas da Praia, Fidalgos e Nobres (Fem.)

LENDAS E MISTÉRIOS DO RIO SÃO FRANCISCO — Laerte (Destaque)

ALEGORIA — Barco do Rio São Francisco

BORBOLETA DO RIO SÃO FRANCISCO — Marta (Destaque)

BORBOLETAS DO RIO SÃO FRANCISCO — Alas das Princesinhas e Deixa Comigo (Fem.)

CACHOEIRA DE PAULO AFONSO — Ilma (Destaque)

PESCADORES — Alas Depois eu Digo e Aliados (Masc.)

VENDEDORES DE PEIXE — Alas Caçulinhas e Aliados (Fem.)

1º MESTRE-SALA E PORTA-BANDEIRA — Robertinho e Neide

G. W. B. R.

MAURÍCIO AZEDO

Poucos poemas da nossa língua terão a força realista que Jorge de Lima alcançou em **G. W. B. R.** Da janela do velho trem que pula nas pontes e escorrega nos trilhos, na corrida com o rio que teima em lhe tomar a frente, contornando serras e montes, ele viu muito mais que a magia descerrada ante seus olhos meninos pela pitoresca *Great Western of Brasil Railway*. Pela janela da estrada feita de encomenda para o Nordeste passa toda a vida de uma extensão territorial do Brasil, com o seu encantamento e também com a sua rudeza, com a sua doçura e também com as suas dores e as suas chagas.

Precisamente porque diante das balduínas sonolentas passa todo o Nordeste com a sua riqueza de contrastes, há dois Jorge de Lima detrás dos 247 versos desta criação densa de ritmos e de cores. Há o Jorge de Lima criança, fascinado com a sua primeira mestra de paisagem e os encantos que ela oferece: a casinha branca, a cabocla na janela, o pedaço de mata, as montanhas, o rio, as manhãs, os crepúsculos. Mas há também o Jorge de Lima amadurecido, em que não feneceu a lembrança da paisagem passando e que se impressiona e se comove quando o trem pára, em sua caminhada desde Alagoas, terra do poeta, até o Rio Grande do Norte, terra do mestre Cascudo. Quando o trem pára, a gente do Nordeste assume o primeiro plano: enquanto "o condutor vai conversar com as professoras dos grupos

escolas e os aleijados vêm aos vagões mendigar", "entram homens sem nariz dos cartazes do Elixir, mulheres sem manga, meninos sem pai, pobrezinhos!, vestidos de feridas, beijos de boxeadores vencidos no último **round**".

A riqueza da criação de **G. W. B. R.** reside exatamente aí nas visões superpostas do menino e do homem Jorge de Lima, depois de reduzidas a um mesmo retrato — vivo, lancinante, cru. Jorge viu as montanhas e o rio, as manhãs e os crepúsculos, as comidas e as árvores, as fábricas e as plantações, a música e a esperança, as casas e os passarinhos, mas seus olhos penetraram e mergulharam fundo na pobreza e na doença, nos aleijões e na orfandade, na fé e na sujeira, no misticismo e na ilusão. Seus olhos não se detiveram apenas na primeira classe, onde os coronéis "discutem tarifas e direitos, negociantes queixam de impostos", como senhores do mundo e das gentes. Eles perscrutaram longamente aquela segunda classe dorida, de cantigas, de choros, pés descalços, mãos calosas, da gente que na vida só encontrou a segunda classe.

Sítios, fazendas, cercados, terreiros, moleques, pinhões, vales, serranias, queimadas, canaviais, bangües, estações. Há vida fervendo na balduína sonolenta e em seus carrinhos de caixa de fósforos marca olho. E tanta dor também.

ROTEIRO

ESTANDARTE

PASSISTAS

MULHER RENDEIRA — Alas das Mimosas e Depois eu Digo (Fem.)

VENDEDORA — Dolores (Fig. de Enredo)

VENDEDORAS E VENDEDORES — Alas dos Seresteiros e Só Vai Quem Pode (Mistas)

MAQUINISTAS E FLORISTAS — Grupo Infantil

Ala da Bateria

Baianas da Bateria

Rainha e Princesas da Bateria

Ala dos Compositores

Diretores de Harmonia

Ala dos Boêmios

Ala Só Para Quem Pode

Ala dos Periquitos

Diretoria

DIRETORIA DO G.R.E.S. ESTAÇÃO PRIMEIRA DE MANGUEIRA ELEITA PARA O BIÊNIO 74/76 E COMISSÃO DE CARNAVAL

Presidente: Darque Dias Moreira

Vice-Presidente: Homero José dos Santos

Assessores: Sandro Moreyra e Sebastião Setúbal

| | |
|-------------------------------|--|
| Departamento de Finanças: | 1.º Vice — Raimundo de Castro |
| | 2.º Vice — Ulisses Gomes da Costa |
| Departamento de Comunicações: | 1.º Vice — Carlos Alberto Dória |
| | 2.º Vice — Ely Gonçalves |
| Departamento Social: | 1.º Vice — Moacyr Castelo Branco |
| | 2.º Vice — Maria José Casal |
| Departamento Jurídico: | 1.º Vice — Alcione Vieira Pinto Barretto |
| | 2.º Vice — Joel Nobre de Almeida |
| Departamento de Divulgação: | 1.º Vice — Percival Pires |
| | 2.º Vice — Alberto Miranda |
| Departamento Cultural: | 1.º Vice — Carlos Afonso V. dos Anjos |
| | 2.º Vice — Alberto Pontes |
| Departamento de Patrimônio: | 1.º Vice — José Ramos |
| | 2.º Vice — Waldyr de Almeida |
| Departamento Feminino: | 1.º Vice — Neuma Gonçalves da Silva |
| | 2.º Vice — Maria Helena Coutinho |
| Departamento de Esportes: | 1.º Vice — Agrinaldo Santana |
| | 2.º Vice — Ubiraci Fernandes da Silva |
| Procuradores: | 1.º Vice — Arnaldo Félix de Souza |
| | 2.º Vice — Sebastião Pereira |

CONSELHO FISCAL:

Presidente: José Ananias de Marcelo
Walter Policarpo
Mário Soares Bernardino
Otávio José de Moura
Sidney Ramos
Maurício da Conceição

REPRESENTANTES NA AESEG:

Ed Miranda Rosa
Florival de Souza Santos

Presidente de Honra: Juvenal Lopes

SABOR BEM BRASIL



**PREFERÊNCIA
NACIONAL**



QUALIDADE SOUZA CRUZ